

MORFOLOGIA
PERSPECTIVAS DE NOVOS HORIZONTES DE PESQUISA

José Pereira da Silva (UERJ)
jpsilva@filologia.org.br



GONÇALVES, Carlos Alexandre;
SILVA, Neide Higino da. (Orgs.).
Novos horizontes da pesquisa em morfologia. São Paulo: Pontes, 2017.
241 p. il.

<http://ponteseditores.com.br/loja>

Carlos Alexandre é doutor em linguística, professor titular de língua portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisador do CNPq e da FAPERJ, dedicando-se especialmente aos estudos da morfologia e da fonologia, com vários livros e artigos publicados.

Neide Higino é doutora em letras vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (onde trabalha), professora da Universidade Santa Úrsula e membro do Núcleo de Estudos Morfossemântico do Português (NEMP). Entre seus trabalhos publicados, destacam-se os artigos "A diversidade tipológica na composição de palavras neoclássicas agro-X" (*Fórum Linguístico*, vol. 14, p. 1779-1791, 2017) e "Rede associativa: uma nova proposta de análise para os compostos neoclássicos" (*Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 25, p. 2027-2060, 2017) e o capítulo sobre "Os movimentos do *continuum* composição-derivação: uma análise descritiva dos compostos neoclássicos agro-X" (p. 181-201 deste livro).

Apresentando pequena amostra dos trabalhos mais recentemente desenvolvidos pelo NEMP, este livro aborda questões que vão da descrição de processos morfológicos, já bastante conhecidos e debatidos na área dos estudos morfológicos, a fenômenos praticamente intocados nas pesquisas linguísticas em trabalhos relativos à língua portuguesa.

A maioria dos trabalhos aqui apresentados resultam de pesquisas de trabalhos de conclusão de cursos de mestrado e doutorado, distribuídos em quatro partes: 1ª) Morfologia histórica; 2ª) Fronteiras externas da morfologia; 3ª) Fronteiras internas da morfologia e 4ª) Morfologia e ensino.

Segundo seus organizadores, na primeira parte, Regina Simões Alves trata da "abordagem histórica dos afixos que figuram em construções do aumentativo" (p. 17-52), analisando os sufixos *-ão*, *-aço*, *-ada*, *-eiro*, *-udo*, *-aria*, *-oso* e *-ento* para observar a inflexão aumentativa adquirida por eles ao longo do tempo e comprovar que não são "sinônimos", o que justifica essa variedade.

Na "Abordagem histórica das formações *X-nte*" (p. 53-98), segundo capítulo desta primeira parte, Marco Antônio Marinho trata dessas construções em *X-nte*, que indicam aquele ou aquilo que age, desde o latim clássico até o português atual, considerando que apenas o sentido de agente frequentativo ("repetente", "litigante" e "ficante") estava presente no latim. As ideias de agente profissional ("estudante", "atendente" e "feirante") e de agente instrumental ("absorvente", "alto-falante" e "ber-rante") surgiram na Idade Média, e os agentes químicos ("lubrificante", "repele" e "estimulante") só aparecem no português contemporâneo.

Na segunda parte, João Carlos Tavares da Silva, tratando de "Morfologia e semântica: esquemas imagéticos na formação de denominais *X-eiro(a)* não agentivos" (p. 101-130) propõe uma formulação em quatro das diversas acepções das palavras formadas com este sufixo: 1ª) entidade do grupo das angiospermas ("cajueiro"); 2ª) entidade que funciona como recipiente ("lixeira"), 3ª) entidade que é objeto não-recipiente ("bagageiro") e 4ª) excesso de alguma entidade de caráter agentivo ("aguaceiro").

Carlos Alexandre Gonçalves e Felipe da Silva Vital, relacionando "Fonologia e morfologia: enantiomorfismo na 'gualín do TTK' (língua' do catete)" (p. 131-144) analisam o fenômeno que consiste no mapeamento direita-esquerda que resulta na criação de palavras de uso privado que mantêm a sequência segmental ou silábica da matriz, relacionando as restrições para que, apesar de criptografadas, tais palavras possam remeter às palavras originais, concluindo que o estudo do "TTK constitui objeto de estudo extremamente relevante para a análise de questões segmentais e métricas do português" (p. 144).

Na terceira parte, Vítor de Moura Vivas apresenta "A ausência de fronteiras rígidas entre flexão e derivação: abordagem das marcas de modo-tempo-aspecto e número-pessoa" (p. 147-179) demonstrando que as desinências respectivas podem apresentar características derivacionais, como é o caso de sua não obrigatoriedade, além da possibilidade de uso de perífrases para indicarem o mesmo tempo-modo e/ou aspecto.

Neide Higino da Silva também nesta terceira parte, escrevendo sobre "Os movimentos do *continuum* composição-derivação: uma análise descritiva dos compostos neoclássicos *agro-X*" (p. 181-201), analisa o estatuto dos formativos *agro-* e *agri-* na sincronia atual do português, demonstrando que as construções deles resultantes apresentam características morfológicas, sintáticas e semânticas distintas, podendo ser classificadas de compostos neoclássicos, de recomposição ou não se enquadrarem em nenhuma classificação por possuírem propriedades que não se adequam a nenhuma daquelas esperadas segundo a tradição gramatical.

Por fim, na última parte, Vitor de Moura Vivas, Felipe da Silva Vital, Wallace Bezerra de Carvalho, Rômulo Andrade de Oliveira e Carlos Alexandre Gonçalves destacam a dissociação entre os aspectos tratados nas gramáticas tradicionais e livros didáticos, e as reais situações de uso da língua e sugerem mudanças para o ensino de morfologia, considerando a função discursiva que podem assumir os distintos processos morfológicos na comunicação.

Enfim, além de lançar mão de informações históricas para interpretar o comportamento de elementos linguísticos atuais da língua portuguesa, os autores investigam as categorias gramaticais por protótipos, organizando-as de modo a orientar as reflexões sobre o *continuum* entre flexão e derivação e entre composição e derivação, apresentam e discutem algumas das recentes propostas relativas à interface entre a morfologia e a semântica, refletindo sobre outras formas de ver e analisar os elementos apresentados e discutidos por essas novas propostas.

Para tratar da interface entre morfologia e fonologia, buscam subsídios também na teoria da otimalidade para entenderem e explicarem uma linguagem de grupo criptografada, e concluem com a apresentação de propostas para o ensino da morfologia a partir dos estudos e pesquisas já desenvolvidas através do NEMP, que vale a pena serem testadas.